

O NOVO TESTAMENTO

AS SAGRADAS ESCRITURAS PARTE 2

TRADUZIDO DO GREGO
POR

BERND BREMICKER

adaptando os princípios de tradução
seguidos por John Nelson Darby

1ª edição

INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO

Agradecidos levantamos os nossos olhos ao Deus de toda graça, colocando esta tradução da Palavra de Deus nas mãos dos leitores. Fazemos isto orando a Ele que possa usar esta obra para que os Seus pensamentos fiquem mais claros a muitos dos Seus e também àqueles que ainda não O conhecem.

Se uma nova tradução do Novo Testamento é feita, se expressa com isto que nenhuma das traduções disponíveis é satisfatória. Com esta obra não desprezamos a obra maravilhosa de João Ferreira de Almeida em ter traduzido as Sagradas Escrituras para a língua portuguesa. Consideramos a sua obra de suma-importância para todos os povos lusitanos, e o valor dessa obra foi aprovado pela bênção que muitos receberam por meio da tradução de João Ferreira de Almeida. Tentativas para melhorar o texto de João Ferreira de Almeida não levam ao resultado desejado. As frases ou expressões inseridas numa tal tentativa não conferem, na sua maior parte, com o estilo antigo e digno de uma obra já existente há séculos. A mistura tem por resultado por um lado um desejo para receber de volta aquilo que foi substituído pela tradução mais literal e por outro lado causa rejeição das partes inseridas.

Não queremos menosprezar de maneira alguma a obra destes homens fiéis a Deus que séculos atrás traduziram as Sagradas Escrituras para os idiomas do “povo”. Alguns destes homens até pagaram o seu esforço com a própria vida. Não rejeitamos e menosprezamos estes trabalhos feitos, porque Deus não o tem feito. Ele fez uso destas obras para levar a verdade da salvação pela graça à tona. Hoje, porém, há outras necessidades. Tudo se examina, as Escrituras são estudadas, e quem seríamos nós para julgar este desejo? O desejo vai além do que havia anteriormente: não se quer entender apenas as verdades básicas necessárias para a salvação, mas também os pensamentos de Deus para com este mundo e a Sua Igreja.

Constatamos, pois, que João Ferreira de Almeida e outros dos seus contemporâneos, não tinham acesso a tanto material nas línguas originais como nós o temos hoje. O Senhor concedeu luz à respeito do caminho de Deus para os salvos conduzindo-os à unidade do Corpo de Cristo que é a Igreja ou Assembléia. Quanto mais se ocupa com as Sagradas Escrituras para entender os pensamentos de Deus, tanto mais se torna necessária uma tradução que transmite as línguas originais de maneira inteligível embora o mais literal possível. Já no século passado, irmãos em outros países sentiram essa mesma necessidade. Surgiram as traduções de John Nelson Darby (JND) em francês e inglês e a tradução chamada “Elberfelder Übersetzung” em alemão para a qual JND também contribuiu com o seu conhecimento das línguas e dos manuscritos. Especialmente a tradução de JND é conhecido e apreciado por muitos irmãos no mundo inteiro. Ao mesmo tempo temos que dizer que Deus preservou o texto das Sagradas Escrituras durante os séculos de uma maneira maravilhosa. Em geral o texto seguido por João Ferreira de Almeida, o *Textus Receptus*, é um texto grego digno de ser considerado até hoje. A grande maioria das traduções modernas seguem manuscritos muito mais corruptos do que aqueles que formam a base do texto referido. Embora seja assim, em alguns casos, João Ferreira de Almeida traduziu errado pelo fato de ter interpretado o texto segundo o seu conhecimento e reconhecimento. Isso as vezes leva a idéias erradas (veja por exemplo Romanos 1:1).

Esta tradução segue os princípios aplicados por JND sem ser uma tradução de alguma das suas versões publicadas em outros idiomas. Se traduzíssemos simplesmente uma das obras dele, muito do texto e de seu sentido se perderia por causa da diferença dos idiomas. Empregamos os seus princípios de tradução, tomando por base vários textos gregos de boa referência. O alvo desta tradução não é de fornecer um texto em português fluente e moderno (traduções com esta finalidade já há disponíveis no mercado), mas sim uma tradução o mais literal possível. Tentamos render não apenas as palavras de forma literal, mas também a estrutura de frases e os tempos verbais para dar também ao leitor que não tem noção das línguas originais ou que não tem o tempo disponível para estudá-las uma idéia do estilo diferente dos vários autores dos livros canônicos da Bíblia. As tentativas de produzir uma linguagem fluente levam ao ponto que o tradutor tem que interpretar a Palavra e isto traz consigo, em muitos casos, uma tradução influenciada pelo entendimento, naturalmente limitado, do tradutor. Estamos conscientes que há ninguém que possa dizer que entenda toda a profundidade da revelação divina nas Sagradas Escrituras. Convictos do fato que cada simples palavra é

originalmente inspirada por Deus, nos esforçamos para traduzir tão literal e exata quanto possível sem ser escravos de palavras. Assim será possível, que o Espírito Santo possa operar no leitor e esclarecer pensamentos ainda escuros para o próprio tradutor. Fica evidente que a possibilidade de traduzir “literalmente” é limitado pelo idioma da tradução, neste caso o português, pois qualquer frase deve fazer sentido neste idioma, sem perder de vista, que talvez uma colocação mais livre seria mais fluente e bonito. Sublinhamos outra vez que beleza de linguagem não é o alvo desta obra. É esta a razão do porquê às vezes se espera por exemplo um artigo, e na tradução não se encontra. Isto indica que no grego não há artigo. Apenas quando absolutamente necessário para poder entender a frase, o artigo foi inserido em letras pequenas (veja também a listagem dos ‘meios de destaque’ e a abordagem sobre o uso do artigo no grego mais adiante). Enfatizamos em especial que somos convictos da inspiração literal da Palavra de Deus. Deus não apenas inspirou “idéias”, mas sim “palavras”.

Estamos conscientes das nossas fraquezas e falhas como homens e assim também esta obra não está isento de conter erros.

Quando os textos críticos concordam entre si, nós os seguimos. Na maior parte do texto isto é o caso. Quando há divergências, seguimos regularmente o *Byzantine Majority Greek Text* ou o *Textus Receptus* quando estes não contém erros doutrinários (que, por vezes, são graves nesses textos — especialmente na 2ª edição do *Textus Receptus* de 1550; a 1ª edição de 1516, embora contenha muitos erros, por vezes está mais correta nos trechos em questão). Ainda assim sempre temos que levar em consideração todo o conjunto do ensino das Escrituras para decidir se uma versão for correta ou não (mesmo que o manuscrito que a contém seja mais antigo do que outros). Isto fez com que em alguns lugares não podíamos seguir o *Textus Receptus* e em certos casos também não o texto crítico *Nestle-Aland*²⁷. O *Textus Receptus* contém alguns insertos e acréscimos não coerentes com a doutrina global da Palavra como também o texto crítico de *Nestle-Aland*²⁷ tem o mesmo problema de uma maneira muito mais ampla e grave (apenas com a diferença que muitas vezes não acrescenta, mas omite frases ou expressões ou até parágrafos inteiros influenciados pela visão dos seus compiladores). O texto empregado por base dessa tradução é o texto crítico conhecido sob o nome *Byzantine Majority Greek Text*, compilado em 1991 por Maurice A. Robinson, Ph. D. Este texto geralmente segue o *Textus Receptus*. Levando, porém em consideração o que foi dito acima, poderíamos até dizer que o texto grego base é o resultado de uma compração minuciosa dos textos críticos em questão. Também foram comparados os textos mencionados mais acima neste parágrafo como também o **Codex Sinaiticus**. Conscientemente não foi considerado o texto compilado por Westcott e Hort no século passado, levando em consideração os perfis das pessoas destes dois eruditos que foram envolvidos até em espiritismo. Embora tivessem um conhecimento bom do grego, não podemos considerá-los aptos para compilar ou traduzir a Palavra de Deus, sendo que comprovadamente estavam trabalhando na compilação do texto bíblico quando sob a influência de poderes demoníacos. Infelizmente algumas versões de certos versículos desse texto também ainda se encontram no texto crítico *Nestlé-Aland*²⁷. É por isso que não o podíamos seguir em todos os casos.

Temos que dizer, porém, que existe um fato, muitas vezes ignorado — e por conhecedores do assunto, conscientemente ignorado — referente ao *Textus Receptus*. Os defensores desse texto alegam freqüentemente que esse traz o texto grego original e inspirado por Deus e que as versões baseadas nele, na sua maioria protestantes (evangélicas), trazem a tradução correta do texto grego e que isso fosse comprovado pelo seu uso durante quase quatro séculos. Há indícios muito fortes de que o *Textus Receptus* não é inspirado e não traz indubitavelmente o texto grego originalmente inspirado por Deus. Há provas, e o próprio Erasmo, compilador e editor das primeiras edições desse texto, o admite, que ele “inventou” o texto em certos lugares ou até fez uma tradução inversa, do latim da edição da Vulgata que tinha em mãos para o grego. Isso é muito óbvio no final do livro de Apocalipse. Erasmo tinha à sua disposição apenas um manuscrito de Apocalipse e nesse manuscrito faltaram os últimos versículos (Ap 16b-21). Para poder apresentar o texto grego, Erasmo traduziu da Vulgata para o grego. Dessa forma é impossível receber o tetxo grego originalmente inspirado por Deus, a não ser que se considere Erasmo (um católico romano e humanista) como um escritor inspirado como Paulo e Pedro o eram. Erasmo procedeu assim em mais do que um caso. Isso é prova indiscutível e infalível de que o *Textus Receptus* não pode ser o texto original da mesma forma como os textos críticos modernos não o são. Há

também o problema que em centenas de passagens as diversas edições do Textus Receptus diferem entre si; fato este que permitiria imprimir bilhões de versões diferentes desse texto “inspirado”. Aquilo que os defensores do Textus Receptus dizem dos compiladores dos textos críticos modernos (que eles escolheram muitas vezes a versão contida no texto conforme o seu próprio entendimento e bel-prazer) também vale para Erasmo e o Textus Receptus. Erasmo admitiu isso e confiou diversas vezes mais no texto da edição da sua Vulgata do que nos manuscritos gregos, dos quais ele tinha pouquíssimas em mãos para compilar o seu texto grego. Portanto, é imprescindível compararmos as edições críticas do texto grego entre si e traduzirmos conforme a versão que está em acordo com o contexto global das Escrituras. Ainda assim reiteramos que nós temos um texto em mãos que está muito próximo aos originais escritos pelos escritores inspirados do Novo Testamento. As diferenças no texto, nos manuscritos gregos, geralmente são de ordem inferior. Apenas poucas diferenças são realmente importantes. Nenhuma delas, porém, é importante para a verdade sobre a salvação, desconsiderando talvez Romanos 8:1 (acréscimo na segunda parte do versículo no Textus Receptus).

Gostaríamos de dizer algumas poucas palavras sobre o valor dos manuscritos. Acerca da maioria do texto temos certeza absoluta devido ao fato que os manuscritos na sua maioria concordam entre si. Diferenças de porte significativa, muitas vezes, e isto já nos manuscritos mais antigos, resultam de opiniões eclesiásticas ou filosóficas dos copiadores. A mera idade de um manuscrito ainda não garante que seja um dos melhores, porque especialmente os papiros foram guardados nas regiões desérticas, enquanto em outras regiões, devido ao clima, não se preservaram manuscritos tão antigos. Constatamos porém, que já nos tempos mais remotos houve tentativa para alterar o texto dos originais por causa de influências filosóficas e eclesiásticas. Um outro pensamento a levar em consideração é: Um manuscrito que, embora antigo, já é a centésima cópia pode conter relativamente mais erros feitos pelos copiadores do que um manuscrito mais recente que talvez seja apenas a décima cópia. Um sistema de tradução baseado apenas nos manuscritos mais antigos (considerando estes os “melhores”) não é válido para traduzir as Sagradas Escrituras e é sujeito a erros por ser um sistema muito vulnerável. O contexto doutrinário e o caráter específico de um livro (por exemplo a diversidade dos quatro evangelhos) devem ser sempre considerados. Gostaríamos de citar uma passagem retirada das “Notas Introdutórias” à terceira edição da tradução de JND, sendo ela uma cópia corrigida da segunda edição (1871) ainda completada por JND pessoalmente: “Os dois manuscritos mais antigos¹, \aleph e B, omitem o final de Marcos 16, contra qualquer outra autoridade, o que foi mostrado por Burgon; mas em B, o fato que o escriba deixou uma coluna em branco — a única no Novo Testamento inteiro — é evidência forte e presuntiva que, embora não encontrasse esta passagem no manuscrito, estava consciente de uma omissão. Defeitos como este, intentam lançar dúvidas sobre estes manuscritos antigos como testemunhas do texto primitivo. Por outro lado, estão livres das interpolações de D (Codex Bezae), e constantemente são de valor adicional contra os últimos. Mas nenhum dos manuscritos mais antigos, nem alguns juntos, por si podem ser testemunhas conclusivas no que diz respeito à precisão absoluta de uma versão do texto, embora muitos fatos apontem para o texto chamado “alexandrino” ser mais próximo à versão primitiva. Mesmo assim precisam de ser controlados por outras testemunhas, como os manuscritos cursivos, versões e, em muitos casos, pelas citações dos pais. Cada passagem tem que ser examinada a parte e na presença de todo o espectro de testemunhas e em dependência da orientação graciosa de Deus, dando atenção especial ao contexto e à doutrina geral das Escrituras, a qual foi debilitada pela corrupção eclesiástica.” Citamos também Scrivener. Na sua “Introdução” (3ª edição, p. 511) ele diz: “Não é menos verdadeiro e ao mesmo tempo paradoxo o fato que as corrupções piores às quais o Novo Testamento foi sujeito, ocorreram durante os primeiros cem anos depois que foi compilado; é fato que Irenæus e os pais africanos e todo o ocidente com uma porção da igreja na Síria tinham manuscritos muito inferiores em qualidade àqueles empregados por Stunica, Erasmus ou Stephens, treze séculos depois, quando montaram o Textus Receptus.”

Os três trechos mais questionados são 1 Timóteo 3:16, João 7:53-8:11 e Marcos 16:9-20. No que diz respeito a 1 Timóteo 3:16, talvez deveria ler ‘Ele que foi manifestado em carne etc.’. Uma boa quantidade de

¹ ‘mais antigos’: Temos que considerar a época quando JND escreveu estas palavras. Embora hoje haja disponíveis manuscritos mais antigos do que estes, os pensamentos que JND expressa aqui ainda têm o seu valor.

manuscritos (podemos afirmar a maioria) apóia a versão ‘Deus foi manifestado em carne etc.’. Por este motivo deixamos ‘Deus’ no texto e mencionamos a outra possibilidade apenas no rodapé (veja mais detalhes no rodapé da referente passagem). Com referência a segunda passagem (João 7:53-8:11), o tradutor não tem dúvida da sua genuinidade. Para maiores informações veja a nota de rodapé neste trecho. No que diz respeito a Marcos 16:9-20 (veja também o parágrafo anterior), temos que levar em consideração o seguinte: O texto crítico mais aceito (*Nestle-Aland*²⁷) contém este trecho, mas o coloca entre colchetes duplos e assim o considera como um inserto antigo não inerente aos textos originais. Por outro lado temos que ver que os evangelhos relatam de duas maneiras o final da vida do Senhor Jesus. Mateus, embora não mencione a Sua ascensão, relata a Sua aparência aos discípulos na Galiléia. Isto corresponde plenamente com o caráter do evangelho segundo Mateus. O outro relato, contido em Lucas e correspondendo ao caráter deste evangelho, nos mostra o Senhor em Betânia — lugar da Sua ascensão. No primeiro relato temos a mensagem saindo do remanescente judaico dirigida às nações da terra, no segundo se trata da mensagem que sai do céu para o mundo, tomando seu início em Jerusalém. Um relato é messiânico, o outro celestial. Até o versículo 8, Marcos relata como Mateus e a partir do versículo 9 até ao fim ele dá um resumo da cena de ascensão em Betânia e relata fatos contidos nos evangelhos de Lucas e João. Este trecho pode ser considerado como um apêndice e, portanto, como uma passagem aparentemente independente. (*Este parágrafo é baseado livremente naquilo que JND diz à respeito na introdução à segunda edição do seu Novo Testamento editado em 1871*). Por isso não concordamos com *Nestle-Aland*²⁷ referente a esta passagem. Consideramos ela ser parte integral e inspirada das Sagradas Escrituras.

Embora não seja o alvo desta tradução e de seus tradutores colocar nas mãos do leitor um texto comentado, em algumas passagens fizemos uma certa interpretação apenas pela necessidade de sustentar uma certa versão de leitura seguida no texto. Este é o caso por exemplo em João 1:18. O alvo geral é apenas dar ao leitor não erudito uma tradução tão literal e exata quanto possível das Sagradas Escrituras.

MEIOS DE DESTAQUE

Para conseguir o alvo desta tradução alguns *meios de destaques* foram empregados no texto bíblico e nos rodapés, sendo eles:

- a) *Letras itálicas* indicam uma certa ênfase das palavras destacadas no grego.
- b) *Letras pequenas* indicam que a palavra em questão não se acha no texto grego e foi inserida apenas por razões idiomáticas da língua portuguesa.
- c) [] Entre colchetes há palavras ou frases que alguns manuscritos (e geralmente também a versão crítica *Nestle-Aland*²⁷) não mencionam no próprio texto (com exceção de Marcos 16:9-20; Lucas 22:43-44; 23:34 e João 7:53-8:11 no que diz respeito à edição crítica *Nestle-Aland*²⁷). Sublinhamos que este meio de destaque de maneira não quer dizer de forma alguma que os tradutores consideram as partes do texto destacadas desta forma como não fazendo parte das Sagradas Escrituras; antes ao contrário. É apenas um meio para economizar notas de rodapé. A versão dada no próprio texto, incluindo os colchetes, é aquela que os tradutores julgam ser a versão mais correta do texto.
- d) () Parênteses são empregadas como um meio de pontuação e servem apenas para estruturar o texto.
- e) As formas dos verbos da segunda pessoa, embora não sejam muito comuns no português atual (especialmente no Brasil), foram mantidas para render melhor e mais literal o grego que freqüentemente faz uso destas formas gramaticais.
- f) Números sobrescritos ^{1, 2, 3 etc.} indicam uma nota de rodapé.
- g) Letras maiúsculas, gregas ou hebraicas, combinações de letras góticas com números ou números, que se encontram nas notas de rodapé, indicam manuscritos específicos.
- h) Notas de rodapé contêm indicações a outras possibilidades de tradução, explicações de termos gregos e palavras contidas apenas em alguns manuscritos (raras vezes também na maioria dos manuscritos) e não consideradas como tendo apoio suficiente para fazer parte do texto bíblico (em contrário com os colchetes, veja item c)). Nas notas de rodapé são usadas várias *abreviações e sinais*:

ABREVIACÕES E SIGLAS ESPECIAIS

A.m.	alguns manuscritos
A.l.	alguns lêem
AT	Antigo (Velho) Testamento
cap.	capítulo
comp.	compare
hebr.	hebraico
I.e.	isto é (introduz uma explicação, não uma tradução)
Lit.	literalmente
LXX	Septuaginta, a versão grega do Velho Testamento
NA ²⁷	Nestle-Aland, 27ª edição revista
NT	Novo Testamento
O.l.	outros lêem; no que diz respeito ao TR, veja “O.m.”
O.m.	outros manuscritos; geralmente TR está entre esses manuscritos, embora não sempre. Quem quiser se aprofundar mais, deve consultar as diversas edições críticas do texto grego.
Ou:	As palavras que seguem esta entrada dão outras possibilidades de tradução. A palavra contida no próprio texto é julgada ser a mais correta, embora o grego também contenha o sentido dado na nota de rodapé. Este é um meio importante para descrever a abrangência do significado de uma palavra grega, sendo que as vezes uma tradução literal apenas consegue render parte do significado total do original.
TR	Textus Receptus
v.	versículo
vv.	versículos
<>	As referências bíblicas correspondem à contagem dos capítulos e versículos hoje geralmente aceita. Os números colocados entre < > indicam a contagem antiga. Especialmente nos salmos acontece, que a contagem difere, porque algumas traduções não contam os títulos como versículos separados (contrária à tradição judaica onde os títulos fazem parte íntegra do texto sagrado).

PEQUENO DICIONÁRIO (TERMOS GREGOS EXPLICADOS)

Algumas palavras deixamos sem tradução e apenas rendemos de uma maneira adequada à ortografia portuguesa, porque não havia a possibilidade de traduzi-las com apenas uma palavra do português. Por consequência, o leitor achará algumas expressões no texto talvez não muito familiares. A seguir, em ordem alfabética, tentamos explicá-las.

Nestas explicações também incluímos algumas expressões interessantes que necessitam de explicação mais detalhada. As referências nas notas de rodapé, geralmente mencionam a referente palavra como ela se encontra num dicionário (i.e. o nominativo singular dos substantivos; a primeira pessoa do singular do indicativo dos verbos etc.), e não a forma conjugada ou declinada como aparece no texto. Assim fica mais fácil para o leitor se orientar procurando a expressão em questão na seguinte lista de verbetes. A letra (*m*) depois da palavra portuguesa significa que, quando ocorre a palavra no texto, há uma nota de rodapé indicando o uso do termo marcado na seguinte lista de verbetes. Assim, quando não há nota de rodapé indicando, por exemplo, o uso de φιλεω para ‘amar’, então há αγαπαω no texto grego.

‘admoestar / exortar / encorajar / instar’ (m) — παρακαλεω — Literalmente ‘chamar para junto de si’. Esta palavra é traduzida de todas as formas mencionadas, inclusive literalmente. Assim uma admoestação pode ser encarado sempre também como um encorajamento. Se exorto ou admoesto para deixar algo, encorajo para fazer outra coisa no lugar. Assim a exortação divina sempre tem esses dois lados: nos adverte e nos diz um “não” e ao mesmo tempo nos estimula para algo melhor, divino. A palavra é indicada nas notas de rodapé apenas quando não traduzida por uma das palavras mencionadas acima.

‘adorar’ (m) — προσκυνεω — Origem: προς (em direção a) e κυνεω (beijar). Significa: ‘cair de rosto em terra’ e também ‘referenciar / prestar homenagem’.

‘adorar’ — σεβομαι — Também: ‘honrar’. ‘honrar alguém com temor ou devoção’.

‘advogado’ — παρακλητος — Significa literalmente: ‘chamado ao lado de alguém / chamado para ajuda de alguém’. Foi usado para denominar o assistente legal, o conselheiro de defesa ou advogado de um delinqüente perante um tribunal. Mais tarde também foi aplicado no sentido de ‘intercessor’. No seu uso mais abrangente determina um ‘consolador / ajudador’. Nestes sentidos essa palavra é aplicada ao Espírito Santo e o próprio Senhor Jesus se refere a Si mesmo usando essa expressão em João 14:16, onde diz: “...vos darei outro Advogado...”. ‘outro’ nesse versículo é ‘αλλος’ (um outro da mesma qualidade ou do mesmo tipo), não ‘ετερος’ (um outro no sentido de diferente do primeiro).

‘aldeia’ — κομη — Originalmente dizia respeito a um acampamento. Mais tarde veio a significar uma vila ou um vilarejo. Trata-se de um povoado menor sem muralhas e por isso é usada em contraste com ‘cidade’.

‘amar’ — αγαπαω — Procurar o sentido dessa palavra na literatura clássica ou na LXX não ajuda muito para ver o seu significado nas Escrituras do NT. Citaremos Vine’s Expository Dictionary of New Testament Words: “αγαπη e αγαπαω são usados no NT (a) para descrever a atitude de Deus para com o Seu Filho, Jo 17:26; para com a raça humana em geral, Jo 3:16, Rm 5:8; e para com aqueles que crêem no Senhor Jesus Cristo em particular, Jo 14:21; (b) para comunicar a Sua vontade para os Seus filhos referente a atitude de uns para com os outros, Jo 13:34, e para com todos os homens, 1 Ts 3:12; (c) para expressar a natureza de Deus na sua essência, 1 Jo 4:8.

Amor pode ser percebida apenas por suas ações. O amor de Deus é visto no dom do Seu Filho, 1 Jo 4:9-10. Obviamente não é um amor de complacência ou afecção; não é atraído por alguma excelência nos seus objetos, Rm 5:8. É uma exercício da vontade divina em escolha deliberada feita sem alguma causa senão aquela que se encontra na natureza do próprio Deus, compare Dt 7:7-8.

O amor encontrou a sua expressão perfeita entre os homens no Senhor Jesus Cristo, 2 Co 5:14; o amor cristão é fruto do Seu Espírito habitando no cristão, Gl 5:22.

O amor cristão tem Deus por objeto primário e se expressa antes de mais nada em obediência implícita aos Seus mandamentos, Jo 14:15, 21-23, 15:10, 1 Jo 2:5, 5:3, 2 Jo 6. Vontade própria, i.e. se satisfazer a si mesmo, é uma negação do amor de Deus.

O amor cristão, seja para com os irmãos ou para com os homens em geral, não é um impulso de sentimentos, não sempre está de acordo com as inclinações naturais, nem se estende apenas àqueles por quais tem uma certa afinidade. O amor procura o bem de todos, Rm 15:2, e não opera para o mal de ninguém, Rm 13:8-10. Veja também Gl 6:10, 1 Co 13 e Cl 3:12-14.

Com respeito a *αγαπαω*, quando aplicado a Deus, então expressa o profundo e constante amor e o interesse de um Ser perfeito para com objetos inteiramente indignos. Esse amor produz e nutre um amor com reverência para com o Doador, um amor prático para com aqueles que são participantes do mesmo amor e um desejo de ajudar a outros acharem o Doador.

‘amar / gostar de’ (m) — *φιλεω* — *φιλεω* se distingue de *αγαπαω* em expressar mais uma afeição tenra. Ambas as palavras são usadas do amor do Pai para com o Filho, Jo 3:35 e 5:20; ambas também para designar o amor de Cristo para com um certo discípulo, Jo 13:23 e Jo 20:2. Mesmo assim, a sua diferença essencial continua e quando as palavras são usadas referente ao mesmo objeto, então cada uma delas retém o seu caráter essencial e distinto.

Φιλεω nunca é empregado num mandamento dado aos homens que os conclama a amar a Deus. Como exemplo do uso das duas palavras compare Jo 21:15-17.

‘amém’ — *αμην* — Palavra originária do hebraico, significando ‘assim seja / assim é’; traduzimos muitas vezes com ‘em verdade’. Expressa uma certa ênfase naquilo que segue ou confirma e dá certeza para alguma coisa.

‘amor’ — *αγαπη* — Veja ‘amar’ — *αγαπαω*.

‘amor / amizade’ (m) — *φιλια* — Veja ‘amar’ — *φιλεω* — referente a origem da palavra e o caráter do amor que implica. Expressa ‘amizade’ com a idéia de haver amor de ambos os lados.

‘ancião / presbítero’ — *πρεσβυτερος* — Este termo tem vários significados: 1. m título de honra para uma pessoa de dignidade; 2. uma pessoa idosa; 3. o mais velho de duas ou mais pessoas; 4. o título grego correspondente ao título romano ‘senator’ (senador); 5. título de um cargo ou ofício na Igreja — apenas os apóstolos ou pessoas por eles indicadas podiam instituir anciãos neste sentido da palavra. Hoje nos falta esta autoridade apostólica, e por isso não pode mais haver anciãos instituídos por homem algum, embora ainda exista o ministério de um ancião exercitado por irmãos que sentem esta responsabilidade perante o Senhor. O Senhor confirma essas pessoas numa igreja local, dando lhes reconhecimento da parte dos outros irmãos sem serem oficialmente instuídos como anciãos. Como título, não diz respeito à idade da pessoa.

‘apóstolos’ — *αποστολος* — Um enviado, um mensageiro, um delegado ou comissário.

‘arrepender-se / arrependimento’ — *μετανοεω / μετανοια (μεταγνοια)* — Literalmente: ‘a mente depois’. Assim significa ‘mudar a sua mente / o seu propósito’. No NT, sempre implica uma mudança para o melhor, uma correção profunda. O verbo sempre se refere ao arrependimento de pecado, com exceção de Lc 17:3-4; e o substantivo também com exceção de Hb 12:17.

‘batismo / batizar’ — *βαπτισμα / βαπτιζω* — ‘Imergir / mergulhar’. Em Jo 13:26, o termo usado no grego é *‘βαπτω’*. Os dois termos significam ‘imergir / mergulhar’, porém há uma ligeira diferença de um para outro. O primeiro, traduzido regularmente com ‘batizar’ (por ser uma expressão transliterado quase literalmente do grego ‘baptizô’), significa ‘mergulhar / imergir’ incluindo a idéia de uma mudança permanente como resultado. O segundo termo, ‘baptô’, traduzido ‘mergulhar’ ou ‘imergir’ enfatiza mais o aspecto temporário sem dar a ênfase no resultado. Um dos exemplos mais claros para definir os dois termos é um texto de Nicander, poeta e médico grego que viveu em volta de 200 AC. Ele nos transmite uma receita de picles e faz uso dos dois termos. Para fazer picles, Nicander recomenda primeiramente ‘mergulhar’ a verdura em água fervente (‘baptô’ — *‘βαπτω’*) e depois ‘imergir / batizar’ a verdura numa solução de vinagre (‘baptizô’ — *‘βαπτιζω’*). Nos dois casos a verdura é imerso em líquido, mas, no primeiro caso, apenas temporariamente. No segundo caso, no de

'batizar' a verdura em vinagre, é produzido uma mudança definitiva e duradoura. Por estas razões, 'batizar' jamais deve ser interpretado de forma diferente a não ser no conceito de 'imersão'. Quando ocorre no texto bíblico a expressão 'batizar / batismo' a palavra grega é βαπτίζω ('baptizô'), quando o termo empregado é 'mergulhar / mergulhar' a palavra grega é βαπτω ('baptô').

'bispo' — Veja 'supervisor'.

'centurião' — εκατονταρχος / εκατονταρχης / κεντυριων — Os três termos gregos são ou uma tradução ou (no caso do último mencionado) uma transliteração do termo latino 'centurio'. O centurião era o comandante de uma 'centúria' composta de 100 soldados.

'coorte' — σπειρα — $\frac{1}{10}$ de uma legião (inicialmente 3.000 soldados; depois entre 4.200 e 6.000 soldados), portanto em torno de 600 soldados (inicialmente 300 soldados). A coorte foi composta de 3 manípulos ou 6 centúrias, cada uma sob o comando de um centurião. Numa coorte completa, havia, pois, 6 centuriões sob o comando de um tribuno.

'criança' — veja 'filho / criança'.

'deitar à mesa' — ανακειμαι / κατακειμαι / ανακλινω / κατακλινω / αναπιπτω — As mesas não eram da altura com são atualmente nas culturas ocidentais. As pessoas não sentavam, mas sim deitavam à mesa. O lugar do lado do dono da casa era um lugar de honra e nessa posição deitada a pessoa se encontrava deitado "no peito". João teve esse lugar na ocasião da última páscoa antes da morte do Senhor Jesus. A expressão 'reclinar' dá apenas uma idéia vaga daquilo que as expressões gregas significam quando se referem ao ato descrito anteriormente.

'em verdade' — Veja a entrada 'amém'.

'escandalizar / escândalo' — σκανδαλιζω / σκανδαλον — 'armar uma cilada' ou 'armadilha / cilada'. Não é um simples 'obstáculo'. Normalmente traduzimos por 'escandalizar / escândalo', pois o significado dessa palavra portuguesa está bem próximo da grega: 'aquilo que é causa, ou resulta de erro ou pecado'. A palavra grega faz referência àquela parte de uma armadilha que faz com que a armadilha entre em ação quando tocado.

'escravo / servo' — veja 'servo / escravo'.

'etnarca' — εθναρχης — Originalmente designava o 'governador de uma nação' (compare a palavra portuguesa 'étnico' — 'o que diz respeito a uma raça, uma nação'). Normalmente descreve o governador de uma nação com leis e costumes diferentes em meio de outros de raça distinta. Por vezes, o termo é aplicado a um governador superior a um tetrarca e inferior a um rei (veja 2 Co 11:32).

'evangelho / evangelizar' — ευαγγελιον / ευαγγελιζω — Sentido geral: 'boa nova / trazer uma boa nova'. Sentido mais especial: 'o evangelho / evangelizar'. 'evangelizar alguém' sempre quer dizer 'trazer o evangelho, a boa nova a alguém'.

'fariseus' — φαρισαιοι — O nome 'fariseu' é derivado de uma palavra aramaica com o significado de 'separar'. Os fariseus formavam o partido extremamente legalista entre os judeus. Eles zelavam pela Lei e pela separação de todos os elementos não-judaicos até na vida diária. O seu zelo pela Lei se tornou numa coisa meramente exterior, formal e mecânico.

'filho' — υιος — A expressão designa em primeiro lugar a *relação* de um filho para com os pais como descendente deles e expressa uma semelhança no caráter do filho com o dos pais. No NT, também é usado em contraste com a descendência ilegítima. υιος enfatiza a *dignidade e o caráter* da relação.

'filho / criança' (m) — παιδιον — Diminutivo de παις. Significa uma criança pequena. Pode ser usado desde a idade de uma criança de peito até a idade de uma criança mais avançada em idade. O apóstolo João aplica esse termo aos mais novos da família de Deus e usa o termo τεκνιον (na forma τεκνια) para se dirigir a todos os seus leitores. Aplica-se muitas vezes a filhos de ambos os sexos.

'filho' (m) — τεκνον — Contrário ao termo υιος, τεκνον dá mais ênfase ao *fato do nascimento*. É usado tanto no sentido natural e figurativo. Se aplica a filhos dos dois sexos.

'filhinho' — τεκνιον — É diminutivo de τεκνον e é usado apenas no sentido figurativo. Se trata de um termo que expressa a afecção de um mestre ou professor para com os seus alunos e discípulos usado em

circunstâncias quando precisam de uma tenra alerta. O apóstolo João aplica esse termo na sua primeira epístola a todos os verdadeiros crentes quando lhes dá certas advertências e exortações. Também se usa para designar filhos dos dois sexos.

‘hades’ — ᾠδης — Entre os gregos em geral, essa palavra designava tanto o deus do reino dos mortos como também o lugar onde ficavam os espíritos dos mortos. No NT, o sentido dessa expressão foi de certa forma mudada e corresponde em parte ao termo hebraico ‘seol’. O NT nos ensina que o ‘seol’ ou ‘hades’ é o termo mais geral para a descrição do lugar onde se encontram as almas e os espíritos dos mortos num estado transitório. Lc 16:22–23 nos mostra que há duas repartições no ‘hades’, uma chamada de ‘seio de Abraão’ e a outra é chamada de ‘hades’ no sentido mais restrito da palavra, ou seja trata-se de um lugar de tormentos. Estas duas regiões são totalmente separadas uma da outra, embora seja possível ver de um lugar para o outro. De At 2:27 e 31 apreendemos que Cristo não ficou no ‘hades’, o que Ele mesmo declara quando estava na cruz. Ali mencionou o ‘paraíso’ como o lugar onde havia de estar o salteador convertido junto com Ele. Em Ap 2:7 se vê que o ‘paraíso’ é de Deus; assim esse termo designa o lugar mais elevado possível, o céu de Deus, o terceiro céu para onde o apóstolo Paulo foi arrebatado. Assim vemos que as almas dos incrédulos de todas as épocas se encontram na região de tormento do ‘hades’, ou seja no ‘hades’ propriamente dito. As almas dos crentes falecidos da época do Velho Testamento e daqueles que são e serão salvos pela fé no evangelho eterno ou no evangelho do reino se encontram na região chamado de ‘seio de Abraão’. As almas dos crentes da época da graça salvos pela fé no evangelho da graça se encontram com o próprio Senhor Jesus no ‘paraíso’. Assim o ‘hades’ é apenas um lugar de permanência transitória: Uns participarão da ‘primeira ressurreição’, outros da ‘segunda’. Estes últimos serão lançados, depois de julgados, ‘no lago de fogo’, como também o mesmo ‘hades’ e a ‘morte’. Sendo assim, a palavra ‘hades’ não designa o ‘inferno’. Este último termo antes pode ser aplicado ao ‘lago de fogo’ (veja também ‘inferno’ nessa lista de verbetes).

‘igreja’ — ἐκκλησία — Origem εκ (de dentro para fora) e κλησις (chamar). Se aplicava a qualquer tipo de reunião ou assembléia conclamada (veja At 19:39); a um ajuntamento de pessoas (At 19:32 e 40), a Israel (At 7:38 e Hb 2:12). Esse termo foi usado então para designar o conjunto dos verdadeiros cristãos num determinado lugar (1 Co 1:2), no mundo inteiro num dado momento (Gl 1:13) e também em todos os séculos desde o dia de Pentecostes em Atos 2 (Mt 16:18).

‘inferno’ — γέεννα — Do hebraico, significa ‘vale de hinom’. Era um vale ao sul de Jerusalém usado para queimar cadáveres de animais e o lixo da cidade num fogo incessante. Se tornou um símbolo para o lugar de condenação eterna (veja por exemplo Mc 9:43–47).

‘legião’ — λεγιών — Uma legião era composta inicialmente por 3.000 soldados, mais tarde aumentado para 4.200 a 6.000 soldados. 10 coortes compostos por sua vez de 30 manípulos ou 100 centúrias formavam uma legião. No NT, essa palavra também pode simbolizar um grande número. Serviam numa legião, pois, 4.200 a 6.000 soldados sob o comando de 60 centuriões, por sua vez sujeitos aos 10 tribunos sob o comando de 1 legato. Além disso, também faziam parte de uma legião completa 300 cavaleiros.

‘mestre’ — διδασκαλος — ‘professor / ensinador / instrutor’. O termo ‘doutor’ seria outra tradução possível considerando a etimologia da palavra portuguesa. No português, porém, esse termo se desenvolveu e também contém a idéia de possuir um grau acadêmico. A Palavra de Deus não conhece ‘doutores’ nesse sentido, quando se trata da Igreja. Os mestres ou ‘doutores’ não são pessoas com grau acadêmico concedido por homem algum ou por alguma instituição humana. O dom de ‘mestre’ é um dom divino e tem por alvo a instrução ou o ensino na doutrina, nos pensamentos de Deus para o crescimento e a edificação do corpo de Cristo, que é a Igreja.

‘mestre’ (m) — επιτοατης — Um mestre em geral; se refere a qualquer tipo de supervisor e era, por exemplo, o título de um professor num ginásio grego. Lucas usa essa expressão no lugar do hebraico ‘rabi’ (veja também ali).

‘ministro / ministrar’ — λειτουργος / λειτουργω — Servidor público, oficial do estado, um administrador oficialmente empregado; também se aplicava aos servidores públicos nos templos. O verbo tem os significados respectivos.

'misericórdia' — ελεος — A manifestação exterior de 'pena / dó'. É suposto necessidade da parte daquele que recebe misericórdia e recursos adequados da parte daquele que a mostra. A origem da palavra portuguesa ('miséria' e 'coração') é uma boa ilustração daquilo que é 'misericórdia': ter um coração para a miséria do outro.

'mundo' — κοσμος — Significa originalmente 'ordem / ornamento / adorno' (veja 1 Pe 3:3). Esse termo se aplica a) ao unívérso, b) à terra e c) à raça humana, d) aos gentios em contraste com os judeus, e) à condição atual do homem em oposição a Deus, f) à totalidade das posses temporárias. Sendo assim, descreve um sistema estabelecido que é caracterizado por uma certa ordem, embora seja em oposição a Deus.

'mundo' (m) — αιων — Também traduzido por 'século / curso'. Neste caso não haverá nota de rodapé. Esse termo faz alusão a um período de tempo caracterizado por certos traços espirituais e morais. κοσμος descreve mais o aspecto exterior, αιων mais o aspecto moral ou interior da coisa. Em Efésios 2:2 encontramos as duas palavras juntas: '...segundo o curso deste mundo'. A expressão 'séculos dos séculos' significa 'eterno / eternamente / todo o sempre'.

'mundo' (m) — οικουμενη — Também traduzido por 'terra habitada / mundo habitado'. A expressão se aplica ao mundo habitado como um todo e num sentido mais restrito ao Império Romano.

'nação' — εθνικος — Significava originalmente uma 'multidão'. No singular, se refere tanto à uma nação ou um povo qualquer como também ao povo judeu ou Israel como nação. No plural, designa as nações distinguindo-as de Israel.

'noite / tarde' — veja 'tarde / noite'.

'noite' — νυξ — A 'noite' propriamente dita. O período de escuridão englobado num período de 24 horas ('nox' — latim).

'novamente' — παλιν — Este termo significa na sua aplicação temporal 'de novo / novamente / outra vez'. Talvez o termo 'outra vez' seria a melhor opção de tradução, mas para que o leitor tenha uma idéia melhor do texto grego, traduzimos com 'novamente'. Assim fica claro que no grego há uma única palavra.

'palavra / verbo' (m) — λογος — No português, o termo verbo embute a idéia de 'expressão / elocução', enquanto 'palavra' significa em primeiro lugar um conjunto de sons articulados. O termo grego, 'λογος', contém também a idéia de expressar aquilo que há no interior ou com outras palavras: a incorporação de uma idéia, de um pensamento. É por isso que o termo 'verbo' explica melhor a idéia do original do que a expressão 'palavra', embora não o tenhamos sempre aplicado. Normalmente traduzimos por 'palavra', levando em conta que 'verbo' também é uma expressão gramatical. O termo grego 'ρημα' enfatiza mais o lado exterior de algo falado (por exemplo: João 10:21). Veja a próxima explicação.

'palavra' — ρημα — Este termo indica aquilo que é pronunciado, aquilo que é falado ou escrito; no singular é 'palavra', quando usado no plural 'palavras / discurso'. Por vezes tem também o sentido de 'coisa' — o 'assunto' da conversa. Veja também a explicação de 'λογος'.

'pastor' — ποιμεν — Aquele que cuida de um rebanho e tem a mais abrangente responsabilidade pelo seu bem estar. O Novo Testamento não conhece o título de 'pastor' como um cargo ou ofício, mas sim como um dom dado a todo o corpo de Cristo (a Igreja); compare Ef 4:11. Um pastor nesse sentido não é idêntico com um 'ancião' ou 'presbítero', cuja área de atuação é só na sua localidade.

'pecado' — αμαρτιας — Em formas gramaticais não bem claras no português, uma nota de rodapé indica se no original consta um verbo ou um substantivo (exemplo: 1 Jo 1:10 'não temos pecado' — 'pecado' aqui seria um substantivo ou o verbo 'pecar' no Indicativo Pretérito Perfeito Composto? A nota de rodapé indica 'pecado': verbo.; Em Jo 15:22 o leitor encontra uma construção um pouco estranha na frase 'pecado não teriam' invés de 'não teriam pecado'. Foi optado pela primeira versão para fazer claro já no próprio texto que 'pecado' aqui é substantivo e não verbo, o que ficaria obscuro na segunda versão.) O leitor assim recebe uma idéia melhor do texto grego.

'piedade' — ευσεβεια — I.e.: 'temor de Deus'. A palavra descreve uma conduta prática de respeito e temor para com Deus; 'temor' no sentido de fazer algo que não agrada a Deus, estando consciente da Sua santidade.

‘pôr à prova / provação’ — veja ‘tentar / tentação’.

‘presbítero’ — veja ‘ancião’.

‘pretório’ — πραιτωριον — Pretório é o termo técnico latino para a residência oficial de um governador de província. Também diz respeito ao conselho dos oficiais do exército e a guarda imperial.

‘provar’ — veja ‘tentar / tentação’.

‘(a)provar / (a)provação / prova’ (m) — δοκιμαζω / δοκιμιον / δοκιμιος — Essa palavra quer dizer ‘testar / provar’, mas, contrário à palavra descrita sob a entrada ‘tentar / tentação’, sempre implica a esperança de um resultado positivo, de aprovar alguma coisa ou ser aprovado. Essa palavra não pode ser usado com referência a Satanás, pois ele não ‘prova’ ou ‘testa’ o homem com a intenção de obter um resultado positivo.

‘publicano’ — τελωνης — A pessoa que alugava o direito da cobrança de taxas e impostos no Império Romano e os empregados dessa pessoa; ‘coletor de impostos’. Costumavam cobrar mais do que podiam e por isso eram odiados pelo povo.

‘rabi’ — ραββι — Do hebraico; ‘meu senhor’. No NT, o sufixo ‘meu’ perdeu o seu significado independente. Um título de respeito que os judeus usavam e usam para se denominar os ‘mestres ou doutores da Lei’. Corresponde de certa forma ao termo ‘mestre’ (διδασκαλος).

‘rabuni’ — ραββουνι — Do aramaico; ‘meu excelente senhor’. No NT, o sufixo ‘meu’ desse título não perdeu o seu significado independente. Esse título pertencia ao presidente do sinédrio, quando esse era descendente de Hilel. Era mais respeitoso do que ‘rabi’. Um título de honra especial.

‘ressurreição / ressuscitar’ — εγερσις / εγειρω — Esta palavra significa originalmente: ‘levantar(-se) / erguer(-se) / levantar(-se) do sono / acordar / despertar’ e adquiriu também o sentido de ‘ressuscitar’ (no sentido de acordar do ‘sono da morte’). Quando usado como verbo transitivo, o sentido é: ‘levantar alguém / erguer alguém / acordar alguém / despertar alguém’ e também ‘ressuscitar alguém’. Assim, esta expressão é usado tanto de forma transitiva como intransitiva. Compare a próxima entrada.

‘ressurreição / ressuscitar’ (m) — αναστασις / ανιστημι — Uma indicação nas notas de rodapé é apenas feita quando o significado é ‘ressurreição / ressuscitar’. Esta palavra significa: ‘levantar(-se) / erguer(-se) / levantar(-se) do sono (mas sem a idéia de ‘acordar / despertar’). A expressão designa mais uma mudança física ou metafórica de posição. Também é usada referente à ‘ressurreição’. A palavra é comparavelmente pouco usada como verbo transitivo (seguido por um objeto), enfatizando mais o lado ativo da própria pessoa. João 11 ilustra bem o uso das duas palavras. αναστημι ou o substantivo ocorre nos versículos: Jo 11:23, 24, 25; εγειρω ou o substantivo é usado nos versículos: Jo 11:29, 31; 12:1.

‘saduceus’ — σαδδουκαιοι — Os saduceus eram um outro partido entre os judeus de um caráter mais político. Eles queriam os judeus aproveitassem das vantagens de vida e cultura grega. Com respeito a sua crença religiosa, eles não creram na existência de anjos, do espírito e da ressurreição dos mortos (compare At 23:8).

‘século’ — αιων — Veja ‘mundo’.

‘senhor’ — κυριος — O termo mais abrangente para designar a palavra ‘senhor’. Pode ser usado como título de honra, como termo para descrever uma pessoa a qual deve se prestar serviços independentemente do porquê, como título de respeito ou cortesia e também para se dirigir ou falar de qualquer pessoa de uma posição considerada superior à própria. Quando aplicado sem o artigo (sempre visível no texto), substitui o nome de Deus ‘Javé’ (hebraico יהוה) ou rende a palavra ‘senhor’ (hebraico אֲדֹנָי ou אֲדֹנֵי). Uma vez também substitui ‘Deus’ (veja 1 Pe 1:25; hebraico אֱלֹהִים). Todas ocorrências de ‘Senhor’ sem artigo para substituir alguma expressão hebraica que não seja ‘Javé’ são destacadas com uma nota de rodapé indicando a respectiva expressão hebraica.

‘senhor’(m) — δεσποτης — Alguém que tem autoridade absoluta, poder não controlado por outrem e que é proprietário dos seus súditos, sejam eles quem forem; alguém que tem a autoridade suprema.

‘serva’ — παιδισκη — A serva, a escrava (em contraste com a livre). Também uma serva que cuidava da porta da casa.

‘servente / servo’ (m) — διακονος — Denomina um servo, seja que faça trabalho servil ou preste um serviço livre, sem fazer referência alguma ao caráter da sua. O termo português ‘diácono’ é derivado dessa palavra.

Não o traduzimos dessa forma, porque a palavra portuguesa dá a idéia de que se trata de um ministro oficialmente instituído por alguém. Entendemos pelas Escrituras que, embora ainda exista o ministério de diácono, não há alguma coisa semelhante à instituição oficial de um diácono. O ‘servo / servente’ deve ser distinguido do ‘escravo’ (veja ‘servo / escravo’). O termo διακονος visa mais a relação do servo para com o seu serviço, a expressão δουλος enfatiza a relação do servo ou escravo para com o seu senhor. Provavelmente, essa palavra é derivado do verbo διωκω, que significa ‘correr atrás ou após / perseguir’. O ‘servo’ tem como alvo diante dos seus olhos sempre o seu serviço ‘corre atrás’ dele para cumpri-lo. É neste sentido, que Febe é chamado de ‘servo’ (no grego a forma masculina — διακονος) em Rm 16:1. Ela fazia algum serviço necessário na igreja de Cencreia, sem que se tratasse de um ofício. Por isso, o versículo mencionado não apóia de forma alguma uma coisa semelhante a um ‘diaconato feminino’.

‘serviço a Deus’ — λατρευα — Esta expressão designava o serviço prestado às divindades nos templos pagãos. Por meio da LXX esta palavra recebeu um sentido ligeiramente diferente, se referindo ao serviço a Deus (especialmente o serviço sacerdotal) no tabernáculo e no templo. É a partir destes significados que a palavra recebeu o seu significado no Novo Testamento. A princípio descreve todo e qualquer serviço prestado a Deus, não apenas enquanto reunidos. Também pode se referir à adoração de Deus. A palavra ‘culto’, no português, tem um sentido estreito demais para expressar o termo grego. É por isso que foi traduzido como ‘serviço a Deus’. No sentido negativo se refere ao serviço aos ídolos.

‘servidor’ — υπηρετης — Essa palavra era inicialmente um termo náutico com o significado ‘remador inferior’. Se distinguia da expressão ναυτης (‘marinheiro’). Era uma classe de marinheiro inferior que agiu sob os comandos de outrem. Depois, esse termo recebeu um significado mais geral de ‘atendente / auxiliar / servo’.

‘servo / escravo’ (m) — δουλος — É a palavra mais comum para designar um ‘servo’. A expressão é derivado do verbo δεω, que significa ‘atar / amarrar’. δουλος é um escravo, a posição mais baixa na escala dos servidores. Mais tarde, e isso já em tempos bíblicos, a palavra adquiriu um significado mais abrangente de ‘servo’, indicando sujeição sem fazer alguma alusão à própria escravidão (Veja Mt 18:23; o termo usado é δουλος, mas o senhor está querendo fazer contas com os servos. Com um escravo não há necessidade de fazer contas). Por isso, não é sempre fácil reconhecer, quando a palavra é usada no sentido ‘escravo’ e quando no de ‘servo’. Quando, porém, o apóstolo Paulo se chama um ‘escravo de Jesus Cristo’ em Romanos 1:1, ele expressa que era anteriormente escravo de Satanás, e, tendo sido comprado por Cristo, se tornou num escravo voluntário atado ao seu novo Senhor. Por isso, geralmente traduzimos por ‘servo’.

‘servo’ (m) — παις — Pode significar uma criança visando a sua relação de descendência, também pode denominar um rapaz ou uma moça em relação à idade ou até um ‘servo / atendente’ visando em especial a sua condição.

‘servo doméstico’ — οικητης — Um escravo pertencente à casa e à esfera doméstica. A sua posição como escravo não está tanto em evidência, antes a sua função dentro de casa lhe deu privilégios facilitando-lhe a escravidão; o igualava quase a um homem livre.

‘sinédrio’ — συνεδριον — O ‘Grande Conselho’ em Jerusalém; a instituição mais importante dos judeus. O ‘sanhedrin’ ou ‘sinédrio’ foi constituído de membros proeminente das famílias do sumo sacerdote, de anciãos e escribas. Casos importantes foram decididos perante esse tribunal. O governo romano da província de Judeia tolerava essa instituição, até para tratar tais casos e até pronunciar sentença de morte sob a condição que uma tal sentença fosse confirmada pelas autoridades romanas, isto é o procurador romano (= governador da província).

‘supervisor’ — επισκοπος — Não traduzimos por ‘bispo’ por causa da conotação que essa palavra tem em nossos dias. Por ‘bispo’ se subentende um cargo eclesiástico. No Novo Testamento, esse título se refere aos ‘anciãos’ ou ‘presbíteros’ (veja At 20:17 e compare com At 20:28). A sua atuação era restrita à localidade e jamais implicava num domínio espiritual ou até mesmo governo eclesiástico sobre várias igrejas locais. Ao contrário, havia sempre vários ‘bispos / anciãos / presbíteros’ numa localidade. A palavra grega ‘επισκοπος’ sublinha apenas uma das suas tarefas, a de supervisionar, cuidar e inspecionar o rebanho conforme os padrões bíblicos.

‘tarde / noite’ (m) — οψια (de: οψιος) — Essa palavra designa normalmente o tempo entre mais ou menos 18:00hrs e 24:00hrs (final de ‘vesper’ e início de ‘nox’ — latim). Por vezes é aplicado ao espaço de tempo das 15:00hrs às 18:00hrs (‘tempus post meridianum’ — latim). Os judeus chamavam esses períodos de: ‘as duas tardes’ ou ‘as duas noites’. Infelizmente não dispomos de um termo adequado em português. Seria equivalente ao termo ‘evening’ (inglês) ou ‘Abend’ (alemão).

‘tarde / véspera / crepúsculo da tarde’ (m) — εσπερα — Se refere ao tempo entre o pôr do sol e o início da noite propriamente dita; ‘vesper’ (latim).

‘templo’ — ιερον — Derivado de um adjetivo com o significado ‘santo’. Denomina um lugar santo, um templo. Se refere a todo o edifício com os seus arredores. Aparece nos evangelhos, mas nos outros escritos do NT apenas em 1 Coríntios 9:13. Essa palavra nunca é aplicada de forma figurativa.

‘templo’ (m) — ναος — A expressão significa um santuário ou também um relicário. Os pagãos determinavam por essa palavra o relicário que continha o ídolo (a estátua). Os judeus aplicavam essa mesma expressão exclusivamente ao próprio santuário, no qual apenas os sacerdotes podiam entrar segundo as prescrições da lei. Esse término também é usado figurativamente referente ao corpo físico de Cristo, referente à Igreja como o Corpo de Cristo, à uma igreja local, ao corpo físico do crente e também ao templo visto nas visões de Apocalipse. Também serve para descrever Deus e o Cordeiro na sua condição de templo da nova Jerusalém.

‘tentar / tentação / provar / provação’ — πειραζω / πειρασμος — A palavra grega é aplicada em dois sentidos. No sentido positivo significa ‘testar / provar / pôr à prova’ (verbo) ou ‘teste / prova / provação’. Nesse sentido a expressão pode ser usado da parte de Deus. É só nesse sentido que Ele ‘tenta’ ou ‘testa’ o homem. No sentido negativo diz respeito à ‘tentação’ da parte do diabo ou da carne para o mal. Também é aplicado para descrever o ato de ‘armar uma cilada / armadilha’ para alguém. Temos que concluir pelo contexto qual é o sentido numa certa passagem. Embora tentemos interpretar e traduzir diferente nas diversas passagens, o leitor deve estar consciente, que no grego não há diferença de expressão. A palavra é exatamente a mesma. Veja a entrada ‘(a)provar’.

‘tetrarca’ — τετραρχης / τετρααρχης — É um título que se refere a um regente ou governador (αρχη – reinar / governar) entre quatro (τετρα – quatro). Propriamente dito é o governador da quarta parte de uma região; daí designa um regente subordinado, dependente de um rei ou ‘etnarca’.

‘tribuno’ — χιλιαρχος — Literalmente ‘chiliarco’. Corresponde ao termo latino ‘tribunus militum’. O ‘tribuno’ era o comandante de uma coorte. Originalmente comandava 300 soldados. Quando as coortes ficaram mais numerosos, era o comandante sobre 420 a 600 soldados. Era esse o caso na época do Novo Testamento. A coorte era composta, de um modo geral, de 600 soldados.

‘unigênito’ — μονογενης — O único, não tem outro igual, aquele sem comparação. Quando se refere a um filho ou uma filha, a ênfase não está no unigênito, mas sim no unigênito. Trata-se do único filho homem ou da única filha que tem.

O USO DO ARTIGO NO GREGO

MOEDAS, PESOS E MEDIDAS

as(se)

bato

cesto (Mt 14)

cesto (Mt 15)

côr

denário

dracma

didracma

efa

estádio = 1/8 de milha romana = 184,81m; o estádio olímpico media 192m, o estádio ático 177m.

estáter

lepto

milha (romana) = 1478,50m

mina

quadrante

sato

talento

tiro de pedra (Lc 22:41)

OS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

- O Evangelho segundo Mateus (Mt)
- O Evangelho segundo Marcos (Mc)
- O Evangelho segundo Lucas (Lc)
- O Evangelho segundo João (Jo)
- Os Atos dos Apóstolos (At)
- A Epístola aos Romanos (Rm)
- A Primeira Epístola aos Coríntios (1Co)
- A Segunda Epístola aos Coríntios (2Co)
- A Epístola aos Gálatas (Gl)
- A Epístola aos Efésios (Ef)
- A Epístola aos Filipenses (Fp)
- A Epístola aos Colossenses (Cl)
- A Primeira Epístola aos Tessalonicenses (1Ts)
- A Segunda Epístola aos Tessalonicenses (2Ts)
- A Primeira Epístola a Timóteo (1Tm)
- A Segunda Epístola a Timóteo (2Tm)
- A Epístola a Tito (Tt)
- A Epístola a Filemom (Fm)
- A Epístola aos Hebreus (Hb)
- A Epístola de Tiago (Tg)
- A Primeira Epístola de Pedro (1Pe)
- A Segunda Epístola de Pedro (2Pe)
- A Primeira Epístola de João (1Jo)
- A Segunda Epístola de João (2Jo)
- A Terceira Epístola de João (3Jo)
- A Epístola de Judas (Jd)
- O Apocalipse [ou: A Revelação] (Ap)

O NOVO TESTAMENTO

**AS SAGRADAS ESCRITURAS
PARTE 2**